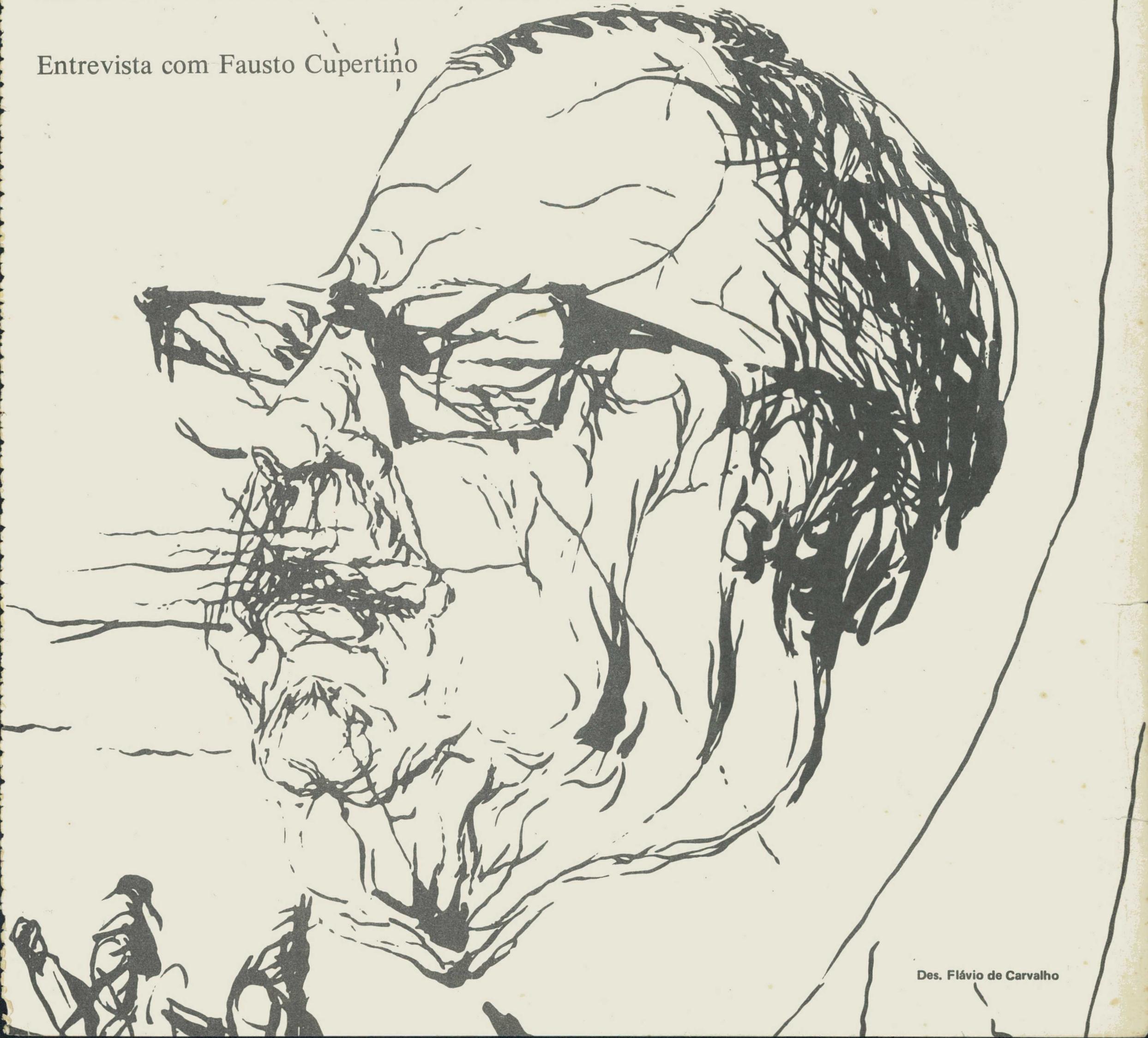


Sérgio Buarque de Holanda
As Muitas Estórias de um Historiador

Entrevista com Fausto Cupertino

SBH
76/132

76/03
módulo



Des. Flávio de Carvalho

Este ano, Sérgio Buarque de Holanda comemora o 40º aniversário da publicação de seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*, “um clássico de nascença” segundo Antônio Cândido. Em 1975, sua turma da antiga Faculdade de Direito do Rio de Janeiro fez cinquenta anos de formatura. Aos 74 anos, entretanto, ele mantém o mesmo espírito irônico que, na década de vinte, fazia com que os meios intelectuais do Rio custassem a levá-lo a sério. Só que, hoje, obviamente, seria impossível não perceber, por trás do gozador, a obra seríssima e o homem mais sério ainda.

Sério a ponto de poder encarar sem qualquer ponta de esnobismo e, ao contrário, com muito humor, tudo o que fez até hoje. Ou de aceitar, de fato, e não apenas por palavras, a importância da contribuição da nova geração de historiadores que ajudou a formar mas que não pretendeu jamais conter sob a dominação do *magister dixit*. Ou de intercalar observações satíricas numa conversa das mais eruditas.

O GOZADOR ERUDITO

Essa combinação ideal do gozador com o erudito se revelou antes mesmo da década de vinte, quando Sérgio ainda estudava no Ginásio São Bento, em São Paulo. E lhe custou vários aborrecimentos. Afonso de Taunay, amigo de seu pai, depois de ouvir suas diatribes contra um professor de português do São Bento, lusitano recém-importado que escrevera um manual intitulado *O Português Prático*, encomendou-lhe um artigo para o *Correio Paulistano*. Sérgio não fez por menos. O artigo de crítica sobre o professor e seu livro começava com a frase lapidar: “O Sr. Fulano de Tal é um português prático.” Apesar disto, conseguiu passar de ano, não se sabe bem como.

Conta Prudente de Moraes, neto, seu contemporâneo na Faculdade de Direito, que Sérgio só tomava conhecimento das provas na véspera. Diante da surpresa reprobatória de seus colegas, assumia um ar despreocupado, ainda que levemente sonso. E o fato é que, mesmo sem ser um aluno brilhante, conseguiu ir de exame em exame até formar-se em 1925. Para quem não pretendia ser mais um bacharel no mundo de bacharéis que era o Brasil daquela época, não importava muito acumular conhecimentos ou simples citações de Direito Comercial ou Constitucional. Muito mais importante e valioso era passar horas e horas diariamente nas livrarias lendo e conversan-

do com quem tinha algo a dizer.

Conhecido em São Paulo, onde se ligou às figuras mais importantes do movimento modernista, Sérgio Buarque de Holanda levaria algum tempo para impor seu nome no Rio. E por culpa dele mesmo. Não era ele que tomava a iniciativa de contar, como se fossem a pura verdade, coisas absurdas sobre hábitos supostos ou reais? Uma destas estórias que ele contava, por exemplo, dizia que frequentemente (ou terá sido uma vez só?) era visto fazendo o *footing* com um galo no braço esquerdo e comendo uma maçã com a mão direita (ou terá sido ao contrário, o galo na direita e a maçã na esquerda?).

A fama de esquisitão e as lendas que ele mesmo ajudava a espalhar criaram em torno de seu nome opinião que os escritos e as conversas só aos poucos foram desfazendo. É ainda Prudente de Moraes, neto, que recorda a incredulidade com que foi recebido o anúncio de que Sérgio seria seu principal colaborador na fundação da revista *Estética*, que trouxe para o Rio, em 1924, o espírito da Semana de Arte Moderna. Esta atitude negativa, aliás, continuou mesmo depois do lançamento da revista.

No terceiro e último número da *Estética*, constava, entre as matérias a ser publicadas no número seguinte, que não chegou a sair, uma apreciação crítica de Sérgio Buarque de Holanda sobre a obra de James Joyce. Tanto bastou para que a revista recebesse uma carta anônima protestando violentamente contra a pretensão mais que audaciosa e afirmando que só uma pessoa no Brasil estava qualificada para falar do autor de *Ulisses*, o então desconhecido Gilberto Freyre. Prudente até hoje acredita que a carta foi escrita por Câmara Cascudo ou por José Lins do Rego, descartando a hipótese maliciosa de ter sido o próprio autor de *Casa Grande e Senzala* o inspirador da autopromoção anônima.

Nesta época, além da Faculdade de Direito e da revista, Sérgio ainda encontrava tempo e disposição para preocupar-se com duas ordens de problemas de natureza inteiramente distinta. Por um lado, começava a pensar numa “teoria da América”, que levaria mais de dez anos até resultar nas *Raízes*. Por outro lado, imaginava a intriga (... e os títulos) para uma série de contos até hoje inéditos. E a rigor não se pode dizer que não foram escritos, já que chegaram a merecer críticas de autores consagrados e até a inclusão em uma enciclopédia de escritores brasileiros saída na década de

vinte.

É que Sérgio falava com tanto detalhe sobre os contos que ninguém iria acreditar na inexistência dos originais já prontos e apenas esperando publicação. A passagem da narrativa oral para a escrita, entretanto, nunca foi considerada necessária por ele. Ficaram, portanto os títulos e a memória resumida da intriga. E basta isto para imaginar o impacto que teriam causado:

— “Y, o magnífico” ou “A história de um homem muito elástico”, que se chamava Y porque o pai era muito econômico, virou contorcionista e morreu só porque todo mundo dizia que tinha morrido.

— “O automóvel adormecido no bosque” e, principalmente, o que aconteceu com o casal que nele se encontrava.

— “Rui Barbosa nunca existiu”, sendo, na verdade, uma simples reevocação, na Bahia, de um mito solar da Índia.

— “Jesus Cristo na intimidade”, com detalhes pelo menos irreverentes sobre sua vida pessoal.

Mas Sérgio não se limitava a encontrar títulos saborosos para os contos que nunca escreveu. Passou a ser conselheiro preferido de autores em dificuldades para encontrar o título adequado de seus livros. O que levou Agripino Grieco a anunciar que ele já estava preparando uma obra chamada “Títulos ao Portador”. (Muito mais tarde, foi por sua insistência que Graciliano Ramos denominou *Infância* seu primeiro livro autobiográfico, apesar do homônimo de Dostoiévski.)

Antes de colaborar com Prudente na *Estética*, Sérgio já tinha escrito para a *Klaxon*, revista fundada por Mário de Andrade em 1921, colaborando em revistas mais tradicionais como *Fon-Fon* e *Mundo Literário*. Ao lado desta atividade de crítica literária, procurava ganhar o seu pão como jornalista, tendo trabalhado nas agências de notícias Havas, Associated Press e United Press. Esta ligação com o jornalismo duraria algum tempo e foi levada a um terreno próximo da aventura.

Um jornal governista de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, *O Progresso*, resolveu contratar um nome ilustre do Rio, e lá se foi o Sérgio Buarque de Holanda. Metido na província, os traços boêmios se acentuaram, e o “Dr. Progresso”, como era conhecido, passou a ser pessoa das mais conhecidas na vida noturna de Cachoeiro. O vazio cultural da cidade, o parco e sempre atrasado pagamento de seu trabalho já eram motivo suficiente para prever que